



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**



UFOP
Universidade Federal
Ouro Preto

**EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO:
a naturalização neoliberal na formação discente**

JOSÉ ALEX MAIA MACHADO

MARIANA

2025

JOSÉ ALEX MAIA MACHADO

**EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO:
a naturalização neoliberal na formação discente**

**Monografia apresentada ao Curso de
Administração da Universidade Federal de
Ouro Preto como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Administração.**

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva

MARIANA

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M149e Machado, Jose Alex Maia.

Empreendedorismo e educação [manuscrito]: a naturalização neoliberal na formação discente. / Jose Alex Maia Machado. - 2025. 28 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Agenda 2030. 2. Educação. 3. Empreendedorismo. 4. Neoliberalismo. I. Saraiva, Carolina Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 005.212

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

José Alex Maia Machado

Empreendedorismo e Educação: a naturalização do neoliberalismo na formação discente

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração.

Aprovada em 07 de abril de 2025.

Membros da banca Doutora

Carolina Machado Saraiva - Orientador(a) – Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora - Fernanda Maria Felício Macedo Boava – Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Diego Luiz Teixeira Boava – Universidade Federal de Ouro Preto

Carolina Machado Saraiva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/04/2025



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Machado Saraiva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/04/2025, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0889050** e o código CRC **AB1082F7**.

Dedico esse trabalho a todos que fazem da educação um instrumento de transformação social. Almejo que o ensino de administração e empreendedorismo esteja para além de modelos prontos no intuito de formar profissionais críticos, emancipados e comprometidos com um futuro mais justo e sustentável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pela constante motivação e apoio para que eu pudesse estudar, sobretudo pela compreensão aos momentos ausentes de reuniões familiares.

Agradeço aos meus amigos que sempre me incentivaram e que, quando tudo parecia pesado demais, tinham a sutileza e empatia para tornar o caminho mais leve.

Agradeço a minha ex-coordenadora, Nilda, com quem pude aprender os princípios para ser um profissional de excelência. Agradeço por sempre me incentivar a buscar novos conhecimentos e aprimorar minha formação.

Agradeço a prof. Dra. Carolina Machado Saraiva por ter acreditado na realização dessa pesquisa e pela orientação que permitiu aprimorar meus conhecimentos. Sobretudo, agradeço a compreensão e paciência quando não consegui corresponder ao exigido no momento e por motivar a permanecer fiel ao objetivo de conclusão desse trabalho.

Agradeço a CADE Jr, empresa júnior do curso de administração, por ser um espaço de aprendizado, crescimento e oportunidades ampliando minha visão empreendedora e minha conexão com o mundo da administração. De maneira especial, agradeço ao tutor da CADE Jr, prof. Dr. Harrison Bachion Ceribeli, pela orientação incansável para que, através da ej, pudéssemos nos desenvolver. Sua liderança e dedicação foram fundamentais para transformar os desafios em conquistas.

Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto, instituição que não apenas me acolheu, mas moldou minha formação com excelência acadêmica e compromisso social, através do qualificado corpo de professores do departamento de administração. A eles, dedico meu reconhecimento pela paciência nas orientações, pelo rigor intelectual que instigou meu pensamento crítico e pela inspiração que vai além da teoria, contribuindo para meu amadurecimento profissional e pessoal, guiando não apenas minha carreira, mas minha forma de encarar desafios e relações na vida.

“Nem todo sintoma nos faz sofrer, e nem toda forma de sofrimento é um sintoma. Determinar qual sofrimento é legítimo e qual não é, portanto, é uma questão não apenas clínica, mas também política.”

Vladimir Safatle; Nelson da Silva Junior; Christian Dunker.

RESUMO

O presente trabalho analisa como o ensino de empreendedorismo na educação básica contribui para a formação de uma consciência alinhada à lógica neoliberal, naturalizando valores como produtividade, competitividade e responsabilização individual. Por meio da análise de conteúdo de um manual didático de empreendedorismo, identificou-se que o discurso empreendedor desloca a responsabilidade pelas desigualdades sociais do Estado para o indivíduo, reforçando a ideia do "empreendedor de si" como agente transformador. A pesquisa também examina a influência da Agenda 2030 na promoção do empreendedorismo como solução para desafios globais, sem questionar as estruturas sistêmicas que perpetuam as desigualdades. Os resultados indicam que o material didático analisado opera como um dispositivo de racionalidade neoliberal, moldando subjetividades e obscurecendo a necessidade de políticas públicas e ações coletivas. O estudo destaca a importância de abordagens críticas na educação, que problematizem os impactos do neoliberalismo na formação dos estudantes e promovam uma visão mais ampla da cidadania e da justiça social.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Agenda 2030, Educação, Empreendedorismo.

ABSTRACT

This work analyzes how teaching entrepreneurship in basic education contributes to the development of consciousness aligned with neoliberal logic, naturalizing values such as productivity, competitiveness, and individual accountability. Through the content analysis of an entrepreneurship textbook, the entrepreneurial discourse was evinced as accountable for misplacing the responsibilities for social inequalities from the State to the individual, therefore reinforcing the idea of the "entrepreneur of self" as a transformative agent. The study also examines the influence of the 2030 Agenda towards promoting entrepreneurship as a solution to global challenges, without questioning the systemic structures that perpetuate inequalities. The results indicate that the teaching material analyzed operates as a device of neoliberal rationality, shaping subjectivities and obscuring the need for public policies and collective actions. The study emphasizes the importance of critical approaches in education that problematize the impacts of neoliberalism on students' education, and promote a broader view of citizenship and social justice.

Keywords: Neoliberalism. 2030 Agenda. Education. Entrepreneurship.

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Categoria e frequência de termos presente no manual de empreendedorismo..... 19

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Referencial Teórico.....	13
2.1. Neoliberalismo	13
2.2. Responsabilidade Social.....	17
2.3. Agenda 2030	19
3. Metodologia.....	20
4. Resultados e Análise dos dados: a formação da consciência dos estudantes	22
4.1. Análise de conteúdo do manual de empreendedorismo	22
4.2. Análise crítica do manual de empreendedorismo.....	24
5. Conclusão	27
Referências Bibliográficas	28

1. Introdução

Ao buscar se estruturar de maneira organizada, a sociedade estabeleceu diversos tipos de organização no intuito de minimizar as dificuldades de compreender a realidade em que se vive. As pesquisas acadêmicas nesse campo centram-se na compreensão das relações entre sujeito e organizações em suas diversas formas de existirem que, em sua maioria, estão pautadas em uma estrutura formal-funcional (ZIOLI, ICHIKAWA, MENDES; 2021).

Ao longo do tempo, diversas vertentes foram sendo constituídas no intuito explicar as relações sujeito-organização. Nas pesquisas convencionais houve um impulso a uma constituição de razão instrumental para os sujeitos que interagem com a organização. Nesse cenário, ocorre uma limitação na análise pois deixa de compreender uma dimensão espacial/ambiental em que a organização está inserida. Reedy (2014 apud ZIOLI; ICHIKAWA; MENDES, 2021, p.553) “destaca a necessidade de superar a conceituação funcionalista de organização formal, abrindo o campo de estudo das organizações para novas perspectivas, teorizando e estudando as organizações como produto de um contexto social.” Buscando expandir para além da limitação identificada e indo além das vertentes mais influentes nas pesquisas (marxismo, funcionalista, estruturalista, pós-estruturalista), o pós-modernismo inaugura uma nova forma de pensar as organizações e as relações de trabalho presentes nelas, sendo a primeira vertente a analisar quem é o sujeito envolvido na organização e não somente o impacto da organização sobre o sujeito e suas formas de controle.

Dentre as diversas organizações que estruturam a sociedade, a escola se destaca por sua influência direta na formação dos indivíduos. Assim como outras organizações, ela não apenas desempenha funções operacionais, mas também modela subjetividades e valores, tornando-se um espaço central na construção da consciência social dos alunos, pois “a educação é uma via de mão dupla. Por sua ação, reproduz e produz processos formativos, apresentando aos jovens e crianças o mundo da cultura intermediado por uma certa configuração curricular. (SOUSA e SCHMIDT, 2023, p. 328)

Dentro desse processo de configuração curricular, a disciplina ensino de empreendedorismo merece especial atenção, pois sua inserção no currículo escolar reflete e reforça valores e práticas que vão além da simples transmissão de conhecimentos técnicos. Ao analisar um manual do professor da disciplina de empreendedorismo para a educação básica, encontra-se elementos que demonstram que essa disciplina não se limita a ensinar habilidades

práticas, como a criação de negócios ou a gestão financeira. Ela também atua como um mecanismo de formação de subjetividades, influenciando a maneira como os estudantes percebem o mundo, suas responsabilidades e seu papel na sociedade moldando a percepção dos alunos sobre cidadania, trabalho e responsabilidade social.

A introdução do empreendedorismo no currículo do ensino fundamental (anos finais) reflete uma tendência global de incorporação de práticas empresariais à educação, muitas vezes sem uma problematização crítica dos impactos desse modelo na formação dos estudantes. Essa perspectiva se apresenta como traços na influência do neoliberalismo no processo educacional, sendo que, segundo SOUSA e SCHMIDT,

o assalto neoliberal do cotidiano das práticas escolares tem, cada vez mais, buscado se estabelecer como ideologia dominante. Intencionando ser a única forma de oferecer respostas aos mais diversos problemas sociais, portanto educacionais, o neoliberalismo se introjeta nas políticas internacionais, aparecendo como humanista sob um ponto de vista globalizante. (2023, p. 327)

A incorporação do empreendedorismo na educação básica pode ser vista como uma estratégia para disseminar valores neoliberais, tais como a meritocracia, a competitividade e a responsabilização individual. Ao enfatizar a importância do empreendedorismo, o currículo escolar pode transmitir a ideia de que o sucesso ou o fracasso de um indivíduo depende exclusivamente de seu esforço e capacidade, ignorando as estruturas sociais e econômicas que influenciam as oportunidades e os resultados. Essa visão pode levar os estudantes a internalizar uma lógica individualista, na qual a responsabilidade por resolver problemas sociais é atribuída ao indivíduo, em detrimento de ações coletivas e políticas públicas.

Essa perspectiva está conectada a noção de educação de qualidade presente do quarto objetivo de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 que enfatiza a importância de uma educação que prepare os indivíduos para os desafios do século XXI, incluindo a formação para o mercado de trabalho e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras (ONU, 2015). No entanto, essa ênfase no empreendedorismo e na preparação para o mercado pode ser interpretada como uma forma de alinhar a educação aos princípios neoliberais, que priorizam a competitividade, a produtividade e a responsabilização individual.

Ao adotar uma perspectiva que valoriza a meritocracia e a responsabilização individual, a educação passa a reforçar uma lógica segundo a qual cada indivíduo deve ser o

único responsável pelo seu sucesso ou fracasso, desconsiderando as influências estruturais, como classe social, raça e gênero, na determinação das oportunidades e trajetórias de vida.

Essa perspectiva se alinha diretamente ao conceito de "empreendedor de si", discutido na obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* dos autores Safatle, Dunker e Silva Júnior. Segundo os autores, o neoliberalismo impõe uma lógica de autogestão e autoexploração aos indivíduos, que passam a se perceber como empresas de si mesmos, responsáveis por maximizar sua própria performance e desempenho, minimizando suas falhas. No contexto educacional, essa mentalidade é estimulada na disciplina de empreendedorismo, por meio da naturalização de um discurso que transfere do Estado para o indivíduo a responsabilidade pela transformação social através do ato de empreender que se configura como "uma forma de gestão psíquica, de produção de figuras da subjetividade com seus padrões de ação e, principalmente, de sofrimento. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.6). Com isso, o neoliberalismo se torna criador e gestor do sofrimento psíquico ao estabelecer formas de vida nas áreas do trabalho, linguagem e desejo através de uma política de afetos estabelecendo uma racionalização empresarial do desejo. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.15).

Para análise crítica desse trabalho, utilizarei como ferramenta central o conceito de "empreendedor de si". A escolha por esse conceito se justifica por sua capacidade de evidenciar como o neoliberalismo atua na constituição das subjetividades, promovendo uma lógica de autoexploração e responsabilização individual. O conceito permite compreender como a interiorização de valores empresariais configura modos de vida e sofrimento específicos, especialmente no campo da educação.

Importa destacar que o foco desta pesquisa não está em explorar as múltiplas construções históricas ou econômicas do neoliberalismo, mas sim em compreender como ele opera como uma racionalidade governamental no presente, estruturando discursos e práticas subjetivas. Nesse sentido, o uso do conceito de "empreendedor de si" funciona como recorte teórico e analítico, direcionando a investigação para os efeitos subjetivos e educacionais dessa lógica neoliberal contemporânea.

Considerando essa perspectiva, esta pesquisará buscará responder ao seguinte questionamento: como o manual de empreendedorismo se relaciona com a estrutura neoliberal social? Essa provocação encontra-se sustento ao observar os princípios da constituição da disciplina de empreendedorismo que se apresentam como uma forma de constituição de subjetividade voltada para a lógica neoliberal. Para responder a esse questionamento, será

analisado como o discurso no ensino de empreendedorismo para o ensino fundamental (anos finais) contribui para a formação de uma consciência alinhada a lógica neoliberal. Inicialmente, será realizada análise do material de manual de empreendedorismo, da Agenda 2030 e da obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Após, será identificado os principais discursos sobre cidadania, direitos sociais e responsabilidade social no manual de empreendedorismo para relacionar esses discursos com os princípios de neoliberalismo a partir da obra *Neoliberalismo como gestão sofrimento psíquico*. Além disso, será examinado como a lógica empreendedora apresentada no material desloca a responsabilidade pelas desigualdades sociais do Estado para o indivíduo, investigando o impacto da internalização desse discurso na formação da consciência e na gestão do sofrimento psíquico.

Com isso, essa pesquisa buscará oferecer uma contribuição para a compreensão da formação da consciência dos jovens a partir do ensino de empreendedorismo no ensino fundamental (anos finais). Além disso, esta pesquisa tem relevância acadêmica e social, pois contribui para o debate sobre a função da escola na formação cidadã. Ao problematizar o ensino de empreendedorismo a partir de uma perspectiva crítica, este estudo dialoga com autores que analisam os impactos do neoliberalismo na educação e no desenvolvimento subjetivo. Dessa forma, os resultados poderão subsidiar reflexões sobre a necessidade de abordagens educacionais que promovam uma visão mais ampla e crítica da realidade, incentivando a participação coletiva e a defesa de direitos sociais.

2. Referencial Teórico

2.1. Neoliberalismo

O neoliberalismo surge como uma necessidade de lidar com crises que envolvia o sistema capitalista no início do século XX e, conseqüentemente, momento de crise do liberalismo econômico. Esse fato se constata a partir da crise de 1929 que provocou uma intervenção do estado no modelo keynesiano em substituição a concepção de livre-concorrência no capitalismo. Segundo Safatle, Dunker e Silva Júnior,

com algumas variações, a crise de 1929 ensinou que o Estado não pode se retirar completamente da economia, mas deve agir como um agente compensadores regulador, favorecendo e estimulando a livre-concorrência e coibindo monopólios e zonas de proteção injustificada. O indivíduo liberal é aquele que se entende como dividido e em

conflito, entre a esfera pública e a privada, entre a lei da família e do trabalho. (2021, p.39)

Nessa compreensão, o estado necessita de intervir para garantir que a livre-concorrência possa ocorrer, porém traz à tona novamente um dilema enfrentado pelas doutrinas econômicas no que se refere ao conflito entre esfera pública e esfera privada: o desafio de como conciliar a autonomia individual com as estruturas sociais e econômicas que moldam as decisões e oportunidades disponíveis. Diante desse impasse e para evitar as crises do liberalismo, o neoliberalismo não se apresenta como uma simples redução do papel do Estado, mas sim como uma reformulação de sua função na qual passa a disciplinar os sujeitos para que internalizem a lógica de mercado como princípio organizador da vida. Com isso, intervém diretamente na constituição dos conflitos sociais e formação psíquica dos indivíduos se constituindo como uma forma de engenharia social. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.18).

Um dos meios que essa engenharia funciona é através da constituição de novos padrões de comportamento para moldar a subjetividade dos indivíduos para que busquem melhores condições de vida. Ensina-se que isso deve ser a partir do seu próprio individual sem a necessidade de amparo do estado. Com isso, transfere para o indivíduo o sucesso ou fracasso diante dessa função.

No interior de tais padrões encontramos sistemas profundamente normativos de disposição de conduta, de produção de afetos e de determinação das formas de sofrimento. Nesse sentido, podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos subjetivos de autorregulação. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.26).

A partir disso, o neoliberalismo não pode ser compreendido apenas como um modelo econômico, mas sim como uma política de afetos que molda subjetividades, relações sociais e modos de existência. Isso se deve ao fato de que a força do neoliberalismo é performativa, ou seja, atua modelando os desejos, identidade, valores e modos de vida dos indivíduos. Essa dinâmica ocorre a partir da concepção de cada indivíduo como um “empreendedor de si”, ou seja, sua vida deve ser gerida como se fosse um empreendimento, trazendo toda uma percepção mercadológica e neoliberal para formar a consciência do sujeito. Dessa forma,

a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional” e otimização de suas competências afetivas. Ela permitiu ainda a “racionalização empresarial do desejo” fundamento normativo para a internalização de um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação constante de si a partir de critérios derivados do mundo da administração de empresas. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.23-24).

Essa lógica de empreendedorismo de si mesmo e a internalização da racionalidade de mercado como princípio organizador da vida têm implicações profundas na forma como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com os outros. Ao promover a fusão entre conceitos econômicos e psicológicos para sustentar os regimes de gestão social, o neoliberalismo modela uma hibridização que implica em uma reconfiguração completa da “gramática do sofrimento psíquico”, pois, para serem realmente internalizadas, tais disposições de conduta não devem apenas operar como normas externas, mas precisam ser assimiladas subjetivamente.

Nesse modelo, o indivíduo passa a uma buscar permanentemente uma performance que atenda a níveis altos de eficiência, produtividade e competitividade para alcançar transformação social, o que pode levar a uma intensificação do individualismo e a uma fragilização dos laços sociais. Além disso, a responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso pode gerar um aumento da ansiedade, do estresse e de outros sofrimentos psíquicos, uma vez que o fracasso é frequentemente interpretado como uma falha pessoal, e não como resultado de estruturas sociais e econômicas desiguais, “pois, para serem realmente internalizadas, tais disposições de conduta não deveriam ser apenas ideais normativos. Elas deveriam também reconfigurar nossa forma de compreender e classificar os processos de sofrimento.” (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.25).

Nesse contexto, o sofrimento psíquico passa a ser interpretado a partir de uma lógica de desempenho e produtividade, onde as dificuldades emocionais são frequentemente vistas como obstáculos a serem superados para alcançar o sucesso. Essa reconfiguração da gramática do sofrimento tem implicações significativas para a saúde mental, uma vez que pode levar à medicalização de problemas sociais e à desconsideração das condições estruturais que contribuem para o mal-estar individual e coletivo. Assim, o

neoliberalismo não apenas molda as práticas econômicas, mas também redefine as formas de sofrimento e as estratégias para lidar com ele, reforçando a lógica de mercado como princípio organizador da vida, atuando como criador e gestor do sofrimento psíquico. Com isso, o neoliberalismo deve ser entendido como construtor de uma forma de vida seja no campo do trabalho, linguagem e desejo. Por isso, os indivíduos são levados a acreditar que seu bem-estar e sucesso dependem exclusivamente de sua própria capacidade de adaptação e resiliência diante das adversidades, sobretudo em sua capacidade de solucionar problemas sociais. Isso se deve pelo fato de que

a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. Encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa, torna-se regra espontânea de uma vida na qual cada relação deve apresentar um balanço e uma métrica. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.7)

Esse processo impede que os sujeitos vejam suas dificuldades não como resultados de desigualdades estruturais, mas como desafios individuais a serem superados. Sendo que, essa superação, depende de sua capacidade de intervenção no meio social sem o auxílio do Estado. Essa lógica se reflete diretamente no discurso do empreendedorismo, que é apresentado como a principal forma de inserção produtiva e ascensão social. O ensino de empreendedorismo, ao enfatizar a importância de ser "empreendedor de si", reforça a ideia de que o mercado é o espaço legítimo para a realização pessoal e social. O que demonstra como o neoliberalismo não apenas molda o comportamento dos trabalhadores, mas redefine a própria relação entre indivíduo e sociedade, fazendo com que não haja mais um conflito entre aspirações e desejos pessoais e os imperativos sociais normativos, mas sim uma sinergia entre esses vetores rumo a autorrealização, que faz coro a ordem econômica de produção. Essa sinergia aliada ao empreendedor de si, leva a uma

hipertrofia da ação individual que chega a seu ponto máximo na doutrina neoliberal, cuja expressão mais significativa é o conceito de "capital humano. Esse conceito implica uma relação a si mesmo marcada pela exigência de autovalorização constante, mediada pela lógica da mercadoria. Num quadro de extrema heteronomia, os indivíduos são alçados a agentes autônomos, capazes de agir livremente para satisfazer seus interesses. Sendo cada um convertido em "capital", os sujeitos passam a se compreender como empresas

submetidas à insegurança típica da dinâmica dos mercados. Em uma sociedade competitiva, os indivíduos comparam e hierarquizam constantemente coisas e pessoas, sendo eles mesmos passíveis de (des)classificação a todo momento. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.7)

Portanto, ao promover a ideia do indivíduo como "empreendedor de si" e "capital humano", o neoliberalismo internaliza uma lógica de autovalorização constante, na qual o sujeito é levado a se compreender como uma empresa em funcionamento, sempre em busca de maximizar seus retornos e otimizar suas competências. Dessa forma, o sofrimento não é apenas uma consequência acidental desse modelo, mas uma ferramenta de gestão, na qual o próprio mal-estar é cooptado e transformado em combustível para a produtividade. Ao mesmo tempo, a fragilização dos laços sociais e a intensificação do individualismo corroem as bases da solidariedade coletiva, deixando os indivíduos cada vez mais isolados em suas lutas pessoais. Assim, o neoliberalismo não só redefine as práticas econômicas, mas também reconfigura a própria experiência humana, transformando a vida em um campo de batalha onde o sucesso é medido pela capacidade de adaptação e resiliência, enquanto o fracasso é estigmatizado como uma falha moral. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.172).

2.2. Responsabilidade Social

O conceito de responsabilidade social, dentro da lógica neoliberal, representa um deslocamento da obrigação de garantir o bem-estar coletivo do Estado para os indivíduos e empresas. Diante disso, apresenta-se a seguinte distinção realizada no manual de empreendedorismo:

Assumir a responsabilidade social implica agir. Entretanto essa ação pode se dar de diferentes formas, das quais destacamos a consciente e coletiva, voltada para as raízes do problema social, a ação social propriamente dita, ou ter caráter emergencial e dativo, caso do assistencialismo que, embora necessário em certas situações, não resulta em solução duradoura.

Segundo o manual, a diferença entre ação social e assistencialismo leva construção de uma consciência de que o empreendedor deve possuir uma ação social e não práticas assistencialistas que não geram efeitos duradouros de transformação social. Esses elementos reforçam a tese de que o indivíduo é o agente transformador de sua realidade.

Em vez de políticas públicas voltadas à redução das desigualdades, a responsabilidade pela justiça social é transferida para ações voluntárias, filantrópicas ou corporativas. Como argumentam Safatle, Dunker e Silva Júnior (2021, p.6), "o sofrimento psíquico é não apenas produzido, mas também gerido pelo neoliberalismo", evidenciando como esse sistema impõe a ideia de que o sucesso e o fracasso são questões puramente individuais, desvinculadas de fatores estruturais.

No ensino de empreendedorismo, essa perspectiva é reforçada pela ênfase na "responsabilidade social do empreendedor", que sugere que os problemas sociais podem ser resolvidos pela iniciativa privada, sem necessidade de intervenção estatal. Dessa forma, a cidadania ativa é reduzida ao consumo responsável e à filantropia empresarial, esvaziando o sentido de mobilização coletiva e de luta por direitos. Ao colocar o empreendedor como protagonista das transformações sociais, o material didático analisado reforça a ideia de que as desigualdades podem ser superadas por meio de esforço individual e inovação, ignorando as barreiras estruturais que perpetuam a exclusão social.

Essa abordagem, no entanto, esconde um problema central: o discurso da responsabilidade social não implica uma real redistribuição de poder ou riqueza. Pelo contrário, ele frequentemente serve como uma justificativa para a desregulamentação do mercado e a redução do papel do Estado. Como destacam os autores,

o império da economia é solidário da transformação do campo social em um campo indexado por algo que poderíamos chamar de "economia moral", com consequências maiores não exatamente para os modos de produção e circulação de riqueza, mas para a eliminação violenta da esfera do político enquanto espaço efetivo de deliberação e decisão, com a redução da crítica à condição de patologia. (2021, p.14)

Isso indica que o neoliberalismo transforma todas as esferas da vida em lógica de mercado, subordinando o campo social àquilo que os autores chamam de "economia moral". Isso significa que questões antes debatidas politicamente, como justiça social e desigualdade, passam a ser vistas sob a ótica do mérito e da responsabilidade individual, deslocando a resolução dos problemas coletivos para ações privadas e empresariais. Dessa forma, aqueles que denunciam injustiças ou questionam o modelo vigente são muitas vezes retratados como fracassados ou incapazes de se adaptar, o que impede que transformações estruturais sejam amplamente debatidas.

2.3. Agenda 2030

A Agenda 2030, lançada pela ONU em 2015, estabelece os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propondo ações concretas para erradicação da pobreza, redução das desigualdades e promoção de crescimento sustentável. Na página 4 do documento consta que “nestes objetivos e metas, estamos estabelecendo uma visão extremamente ambiciosa e transformadora. Prevemos um mundo livre da pobreza, fome, doença e penúria, onde toda a vida pode prosperar. Prevemos um mundo livre do medo e da violência.” Esses objetivos para serem alcançados necessita de um esforço não somente dos países, mas de todas as organizações existentes.

Com isso, o discurso neoliberal se apropria desses objetivos e os reformula dentro da lógica de mercado, apresentando o empreendedorismo como solução central para os desafios globais. Como apontam Safatle, Dunker e Silva Júnior (2021, p.7), "o neoliberalismo propõe um tipo de individualização baseado no modelo da empresa", transformando até mesmo a sustentabilidade em uma questão de eficiência econômica e inovação empresarial. Na página 39 do documento, consta ainda que

reconhecemos que não vamos ser capazes de alcançar nossos Objetivos e metas ambiciosas sem uma Parceria Global revitalizada e reforçada e de meios de implementação comparativamente ambiciosos. A Parceria Global revitalizada facilitará um envolvimento global intensivo em apoio à implementação de todos os Objetivos e metas, reunindo governos, sociedade civil, setor privado, o Sistema das Nações Unidas e outros atores e mobilizando todos os recursos disponíveis.

Dessa forma, no documento há o estímulo para que a ação empreendedora do setor privado seja utilizada como meio para realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis. Essa apropriação pode ser observada no ensino de empreendedorismo, que associa os ODS à atividade empreendedora, sugerindo que os problemas socioeconômicos podem ser resolvidos por meio de startups sociais, impacto positivo dos negócios e consumo responsável. No entanto, essa visão ignora os limites do modelo econômico vigente, que continua a reproduzir desigualdades estruturais. A sustentabilidade, dentro dessa perspectiva, é reduzida a uma estratégia de mercado, e não a uma mudança efetiva na organização do sistema produtivo global. Dessa forma, no documento há o estímulo para que a ação empreendedora do setor privado seja utilizada como meio para realização dos

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). De maneira específica, será abordado aqui o quarto ODS tendo em vista o foco dessa pesquisa no tema do empreendedorismo e educação. Está estabelecido na Agenda 2030 que

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos

4.1 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes

4.2 Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário

4.3 Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade

4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo. (ONU, 2015, p. 23)

No manual de empreendedorismo analisado, a Agenda 2030 é apresentada como um compromisso do empreendedorismo com a transformação social, mas sem questionar as contradições do capitalismo. Segundo Safatle, Dunker e Silva Júnior (2021, p.43), a lógica neoliberal cria formas de vida a partir de relações sociais que estão organizadas tendo como base uma racionalidade empresarial. Assim, a sustentabilidade é vista como uma oportunidade de negócios, e não como um desafio coletivo que exige mudanças estruturais profundas.

Dessa forma, o ensino de empreendedorismo, ao alinhar-se à Agenda 2030 sem uma perspectiva crítica, acaba reforçando a ideia de que o desenvolvimento sustentável pode ser alcançado apenas por meio da ação individual e empresarial. Isso silencia a necessidade de políticas públicas robustas e ignora a importância de regulamentações para conter os danos sociais e ambientais do atual modelo econômico.

3. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise de conteúdo presente no material didático de empreendedorismo do nono ano do ensino fundamental

(anos finais). O objetivo é compreender como o discurso do empreendedorismo estrutura a consciência dos estudantes. Para tanto, será analisado três módulos que tratam de Direito e responsabilidade social e Funcionamento das ações sociais, identificando os principais temas abordados e a frequência com que aparecem bem como os adjetivos utilizados para qualificá-los. Ressalta-se que, por questões de confidencialidade e respeito aos termos de uso do material didático analisado, não será realizada a exposição integral do conteúdo, nem de dados que possam levar a identificação do material.

A pesquisa se baseia na Análise de Conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin que se desenvolve em três etapas. Segundo o autor (2016), primeira delas é a pré-análise que se constitui como o período de organização da pesquisa no qual se deve desenvolver três tarefas: escolha dos documentos, construção de hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores para fundamentar a interpretação final. Na primeira tarefa, analisasse todos os materiais que serão utilizados na pesquisa para se constituir o *corpus* investigação. Para tanto, quatro regras são utilizadas: regra da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A segunda etapa refere-se à constituição da pergunta-problema que norteará o trabalho e que o pesquisador buscará analisar.

A terceira etapa do método é a exploração do material que se constitui como a análise do material já atentando-se ao processo de codificação para a etapa seguinte que é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessa última etapa, os dados brutos serão tratados para serem constituídos de significados para realização da codificação que corresponde a “transformação – efetuadas segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação de conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 2016, p.144).

Juntamente com a aplicação do método, foi utilizado para a contagem dos léxicos na segunda etapa da análise de conteúdo o apoio da inteligência artificial *DeepSeek*. Os dados apresentados pela inteligência artificial foram revisados pelo autor dessa pesquisa. Após, a realização dos procedimentos descritos será realizada a interpretação dos dados codificados e contrapostos ao conceito de “empreendedor de si” para analisar o impacto dos princípios do neoliberalismo sobre a disciplina de empreendedorismo e consciência dos estudantes.

4. Resultados e Análise dos dados: a formação da consciência dos estudantes

4.1. Análise de conteúdo do manual de empreendedorismo

Para análise do conteúdo descrito no material de empreendedorismo estudados, houve o levantamento dos principais temas utilizados e agrupados em categorias. Além disso, analisou-se a frequência com que é utilizado esses temas. Segue abaixo tabela elaborada com o levantamento desses dados iniciais:

Tabela 1: Categoria e frequência de termos presente no manual de empreendedorismo

Categoria	Termos Utilizados	Frequência
Ética e responsabilidade	Responsabilidade social, justiça social e conscientização	9
Participação Social	Voluntariado, mobilização, ação social	7
Gestão e sustentabilidade	Recursos financeiros, divulgação, marketing social	6
Direitos e Legislação	Constituição, direitos fundamentais, ECA	5

Tabela 1: elaborada pelo autor (2025)

Com base nos dados obtidos na análise da tabela 1, observa-se que a categoria mais recorrente no manual de empreendedorismo é “Ética e responsabilidade”, com uma frequência de 9 ocorrências, possuindo os seguintes termos mais utilizados: responsabilidade social, justiça social e conscientização. Tal fato aponta para a relevância desses aspectos no contexto do empreendedorismo, indicando que as iniciativas empreendedoras são frequentemente associadas a valores éticos e ao impacto social. Essa compreensão pode ser percebida nos seguintes fragmentos do manual:

“Acreditamos que os empreendedores devem conhecer as questões sociais, suas causas e complexidades, e podem contribuir para solucioná-las participando das ações sociais.” (Fragmento 1 – Manual de Empreendedorismo)

“Queremos que os alunos percebam que a conscientização, a mobilização popular e a ampliação da participação política democrática são: necessárias para que a justiça social ocorra; responsabilidades do empreendedor.” (Fragmento 2 – Manual de Empreendedorismo)

No fragmento 1 destaca-se as expressões de “questões sociais” e “contribuir” que direciona para a concepção de que o empreendedor é o agente que detém a responsabilidade social perante a sociedade. Além do fato que o empreendedorismo é tratado como um dos meios de solucionar problemas sociais. Outro ponto de importante destaque, é a ausência de menção ao Estado enquanto promotor de políticas públicas para reduzir as desigualdades sociais, sobretudo as estruturais.

No fragmento dois destaca-se os termos de “conscientização” e “responsabilidade do empreendedor”. Esses termos apontam para o desejo do manual de que a formação do estudante esteja condicionada a ação de empreender e que, tal fato, é uma das responsabilidades diretas dele. Dessa forma, o empreendedorismo é visto como uma forma de alcançar a justiça social e não mais os movimentos sociais, sindicatos ou coletivos. Desloca-se essa função do coletivo para o indivíduo.

Tais fatos indicam há um esforço do manual para demonstrar que o empreendedor possui como inerente a si a responsabilidade social que deve movê-lo com agente transformador da sociedade. Por fim, devido à ausência de termos críticos ou que possam apresentar negatividade, pode-se inferir que se busca reforçar uma visão idealizada do ato de empreender.

A categoria “Participação Social” também se mostra expressiva, com 7 ocorrências, reforçando a importância do envolvimento da comunidade e de ações coletivas para o desenvolvimento de projetos empreendedores. Os termos voluntariado, mobilização e ação social evidenciam como a participação ativa na sociedade pode contribuir para a sustentabilidade e o sucesso de empreendimentos com impacto social. Essa compreensão pode ser percebida no seguinte fragmento do manual:

Com as atividades vistas anteriormente esperamos ter sensibilizado os alunos para a necessidade de enfrentar as questões sociais. Esse é o primeiro passo. O segundo passo (idealmente) seria que essa percepção das questões sociais conscientizasse as pessoas de sua responsabilidade social e as motivasse a angariar recursos para o enfrentamento das questões sociais. Assumir a responsabilidade social implica agir. (Fragmento 3 – Manual de Empreendedorismo)

No fragmento três os termos de destaque são “sensibilizado”, “enfrentar” e “conscientizasse” e “agir”. Esses termos inserem o empreendedor como o responsável pela transformação social a partir de uma internalização de sua missão de solucionar problemas.

Todavia, não é apresentado os problemas inerentes a essa ação bem como os riscos de precarização do trabalho e alto risco de informalidade.

Já a categoria “Gestão e sustentabilidade”, com 6 ocorrências, destaca a necessidade de recursos financeiros, estratégias de divulgação e marketing social para garantir a viabilidade e permanência dos projetos. Isso demonstra que, além da preocupação com aspectos sociais, os empreendedores também devem planejar e gerenciar seus negócios de forma eficiente. Essa compreensão pode ser percebida no seguinte fragmento do manual:

Quando pensamos em propaganda, pode-se vir à mente a palavra marketing. Porém, a divulgação das ações sociais serve também para conscientizar as pessoas sobre uma questão, mostrando como se pode combatê-la. (Fragmento 4 – Manual de empreendedorismo)

Por fim, a categoria “Direitos e Legislação” aparece com menor frequência (5 ocorrências), abordando temas como Constituição, direitos fundamentais e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esse dado sugere que o conhecimento sobre normas e direitos pode ser um diferencial, auxiliando empreendedores na condução de seus projetos dentro da legalidade e garantindo que suas ações respeitem os princípios jurídicos vigentes. Essa compreensão pode ser percebida nos seguintes fragmentos do manual:

“Os direitos (muitas vezes) não são cumpridos, gerando os problemas sociais. A análise das fotos mostra o descaso, por exemplo, com os menores.” (Fragmento 5 – Manual de Empreendedorismo)

No fragmento três destaca-se os termos “direitos”, “problemas sociais” e “descaso”. Esses três termos apresentam para a ineficiência do Estado em garantir os direitos básicos dos indivíduos e que o empreendedorismo pode ser um meio alternativo de lidar com esses problemas. Porém, deixa-se de analisar a busca pelos direitos como algo coletivo e não foca em uma solução duradoura e estrutural.

4.2. Análise crítica do manual de empreendedorismo

Ao examinar criticamente o conteúdo do manual de empreendedorismo à luz do conceito de “empreendedor de si” presente na obra *Neoliberalismo como gestão do Sofrimento Psíquico* e da *Agenda 2030*, percebe-se uma construção discursiva que, embora

ênfaze valores aparentemente progressistas como responsabilidade social e participação coletiva, opera na verdade como um dispositivo de racionalidade neoliberal. Esta análise revela como o manual de empreendedorismo reproduz mecanismos de princípios neoliberais ao transferir para o indivíduo - o empreendedor - responsabilidades que são, em sua essência, estruturais e coletivas.

O manual estabelece uma narrativa na qual o empreendedor surge como o principal agente de transformação social, conforme evidenciado no fragmento: "Acreditamos que os empreendedores devem conhecer as questões sociais [...] e podem contribuir para solucioná-las" (Fragmento 1 – Manual de Empreendedorismo). Diante disso, pode-se afirmar que “a pobreza, o desemprego e a indigência seriam, portanto, desvios morais a serem corrigidos pelo princípio de utilidade” (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p.46). Ao evocarem esses problemas sociais como dimensão moral e retomando o princípio de utilidade, proposto pelo Jeremy Bentham e utilizado tanto pelo liberalismo econômico quanto pelo neoliberalismo, como modulador da vontade humana, esta perspectiva ecoa a racionalidade neoliberal na qual problemas estruturais são transformados em falhas individuais a serem corrigidas por iniciativas privadas, e não através de políticas públicas robustas.

Esta abordagem apresenta três problemas fundamentais. Primeiro, naturaliza a precarização do trabalho ao não questionar as razões estruturais pelas quais o Estado não cumpre seu papel na garantia de direitos básicos. Segundo, despolutiza a desigualdade ao transformá-la em um problema de gestão individual, como fica claro na afirmação: "assumir a responsabilidade social implica agir". Terceiro, romantiza a figura do empreendedor como agente de mudança, ignorando as condições materiais que limitam o sucesso da maioria dessas iniciativas. Esses problemas são desencadeados a partir da internalização da lógica neoliberal expressa através do conceito “empreendedor de si”, pois cada indivíduo passa a gerir sua vida nos mesmos moldes de gestão empresarial, buscando maximizar as competências e minimizar as falhas.

O manual opera ainda uma despolutização da sociedade ao substituir lutas coletivas por uma lógica de competitividade individual. A celebração do voluntariado como solução para questões sociais serve como exemplo claro dessa dinâmica, pois frequentemente acaba substituindo serviços públicos essenciais. A ênfase na "conscientização individual" ("sensibilizar os alunos") como solução problemas estruturais reforça a ideologia neoliberal de que basta ao indivíduo otimizar suas capacidades para ter sucesso, como destacado por Safatle, Dunker e Silva Júnior

Sobretudo em uma sociedade cujo *modus operandi* neoliberal dialoga intimamente com o alicerce promovido pela política do *enhancement*, em que todos podem ser “uma versão melhorada e mais produtiva de si”, e “uma versão potencializada de si”, com todas as ironias inseridas nesta última expressão. (2021, p. 143)

Um paradoxo evidente no material é que, embora fale em ação coletiva (como na categoria "Participação Social"), na prática a responsabilidade recai sempre sobre o indivíduo empreendedor. Esta contradição fica ainda mais evidente quando se analisa como o manual aborda a questão do sofrimento social, convertendo-o em oportunidade para o empreendedorismo. Ao mencionar o "descaso com os menores" (Fragmento 5 – Manual de Empreendedorismo) sem propor soluções coletivas ou políticas públicas, mas sim focando no empreendedorismo como alternativa, o material acaba por naturalizar condições sociais precárias.

A análise da categoria "Gestão e sustentabilidade" é particularmente reveladora neste aspecto. Enquanto ensina a gerenciar recursos escassos, falha em questionar por que esses recursos são escassos. Com isso, há uma limitação na forma de ação dos indivíduos que os impede de alcançar sucesso e melhores condições de vida. Dessa forma, a partir da sensação de fracasso oriunda da manipulação do neoliberalismo sobre os desejos, gera-se um processo de sofrimento no indivíduo que pode desencadear doenças emocionais e psíquicas. Descobriu-se, portanto, que gerir o sofrimento calculando o impacto dele sobre o indivíduo é uma forma de possibilitar o aumento da produtividade. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p. 172)

Agora o sofrimento não é mais um obstáculo para o desenvolvimento da indústria, mas pode ser metodicamente produzido e administrado para aumentar o desempenho e é isso que caracteriza o neoliberalismo no contexto das políticas de sofrimento: individualização, intensificação e instrumentalização. (Safatle, Dunker e Silva Júnior, 2021, p. 173)

O papel do Estado neste cenário é particularmente revelador. Embora o manual cite a Constituição e direitos fundamentais, o Estado é retratado predominantemente como um ente ausente ("direitos não cumpridos") ou como obstáculo à iniciativa privada ("empresas desenvolvem ações sociais por marketing ou responsabilidade"). Esta representação corrobora a tese neoliberal de que o Estado é ineficiente e deve o indivíduo ser responsável diante dos problemas sociais. Com isso, estrategicamente, enfraquece o Estado em suas funções redistributivas para dar espaço à iniciativa privada.

Diante disso, o manual de empreendedorismo, ainda que bem-intencionado, acaba por reforçar três pilares fundamentais do neoliberalismo: i) a individualização da responsabilidade social; ii) a naturalização da precariedade (evidente na valorização do voluntariado como substituto de empregos formais); e iii) o estabelecimento do empreendedor como herói solitário capaz de superar sozinho adversidades estruturais.

5. Conclusão

Esta pesquisa buscou compreender como o ensino de empreendedorismo na educação básica contribui para a formação de uma consciência alinhada aos valores neoliberais, analisando criticamente um manual didático destinado aos anos finais do ensino fundamental. Os resultados demonstraram que o material analisado opera como um dispositivo de disseminação da racionalidade neoliberal. Ao apresentar o empreendedor como o principal agente de transformação social, o manual transfere para o indivíduo a responsabilidade por problemas estruturais, obscurecendo o papel do Estado e das políticas públicas na redução das desigualdades. Essa abordagem não apenas despolitiza questões sociais complexas, mas também reforça a ideologia do "empreendedor de si", na qual o sucesso ou fracasso é atribuído exclusivamente ao esforço individual, ignorando condicionantes históricos, econômicos e sociais que moldam as trajetórias individuais.

A análise também revelou como há um alinhamento entre a Agenda 2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2015) com a lógica neoliberal e como isso impactar a formação educacional alinhando o empreendedorismo a uma narrativa de transformação social, sem questionar as contradições inerentes ao modelo econômico vigente. Ao transformar a sustentabilidade e a justiça social em oportunidades de negócios, o material didático reforça a lógica de mercado como solução para problemas coletivos, minimizando a necessidade de ações estruturais e regulamentações públicas. Essa perspectiva é particularmente preocupante, pois reduz a cidadania a um conjunto de práticas individuais em detrimento da mobilização política e da luta por direitos.

Outro aspecto destacado na pesquisa foi a forma como o manual naturaliza a precarização do trabalho e o sofrimento psíquico, ao romantizar a figura do empreendedor que pode ser notada pelo fato de que não são utilizados adjetivos negativos para o ato de empreender bem como não ocorre a apresentação das dificuldades de empreender no Brasil. A ausência de uma crítica às estruturas econômicas e de poder bem como à atuação do Estado

como garantidor de direitos sociais revela uma educação que, em vez de promover a autonomia e o pensamento crítico, reproduz valores hegemônicos alinhados ao projeto neoliberal através da heteronomia e não da autonomia.

Embora este estudo ofereça contribuições relevantes para a compreensão da relação entre educação e neoliberalismo, é importante reconhecer que há possibilidades de expansão dessa pesquisa com temas futuros. A análise concentrou-se em construções de categorias específicas, todavia, há temas que não foram abordados como, por exemplo, gênero, sexualidade, informalidade e que, em trabalhos futuros, podem ser retomados para maior aprofundamento do impacto da adesão da lógica neoliberal sobre a formação da consciência dos estudantes a partir da disciplina de empreendedorismo.

Por fim, esta pesquisa reforça a necessidade de se repensar o ensino de empreendedorismo na educação básica, propondo uma abordagem que vá além da formação técnica e instrumental. Uma educação verdadeiramente transformadora deve problematizar o neoliberalismo, destacando suas origens e impactos na sociedade, e valorizar a ação coletiva e as políticas públicas como meios efetivos de transformação social. Ao integrar perspectivas críticas que discutam temas como desigualdade, precarização do trabalho e saúde mental, a escola pode formar cidadãos conscientes e capazes de questionar as estruturas de poder que perpetuam as injustiças sociais tendo em vista um amplo desenvolvimento social.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

Organização das Nações Unidas. (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 05 de dez. de 2024.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SOUSA, M. M.; SCHMIDT, S. P. Agenda 2030-ONU como ato de linguagem neoliberal: Educação de qualidade e desigualdades sociais. *Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES*, v.27, n.54, 2023, eISSN: 2526-8449.

ZIOLI, Eline Gomes de Oliveira; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; MENDES, Luciano. *Contribuições de Deleuze e Guattari para uma perspectiva rizomática das organizações*. *Cadernos EBAPE BR*, v. 19, n. 3, p. 552–563, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/83372> . Acesso em: 05 de dez. de 2024.